

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA: uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

News board Giro Brasil in the Reporter UFMA: a proposal for collaboration between communication

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



LÍVIA CIRNE¹
VITOR BELÉM²

RESUMO

Este artigo visa compartilhar a experiência de formação e colaboração em jornalismo audiovisual na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, a partir da apresentação do *Repórter UFMA*, telejornal laboratório do curso de jornalismo, e do seu quadro *Giro Brasil*, uma rede de intercâmbio de reportagens produzidas em diferentes cursos de Jornalismo, permitido uma integração entre as instituições parceiras e ampliando a visão de diferentes realidades. Também traz tensionamentos sobre a exploração do ensino prático nas universidades públicas, identificando limitações nas disciplinas de telejornalismo laboratorial, que impedem os estudantes de vivenciarem minimamente a rotina jornalística e desenvolverem atividades que reproduzem o ambiente profissional. Espera-se, com isso, contribuir com reflexões sobre a experimentação e formação de profissionais em telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo. Prática laboratorial. Conteúdo colaborativo. Giro Brasil.

ABSTRACT

This article aims to share the experience of training and collaboration in audiovisual journalism at the Federal University of Maranhão, Imperatriz campus, from the presentation of *Reporter UFMA*, television journal of the journalism course, and its news board *Giro Brasil*, a network for the exchange of reports produced in different courses of Journalism, allowed an integration between the partner institutions and broadening the vision of different realities. It also brings tensions about the exploration of practical teaching in public universities, identifying limitations in the disciplines of laboratory telejournalism, which prevent students from minimally experiencing the journalistic routine and develop activities that reproduce the professional environment. It is hoped, therefore, to contribute with reflections on the experimentation and training of professionals in telejournalism.

KEYWORDS

Telejournalism. Laboratory practice. Collaborative content. Giro Brasil.

Recebido em: 16/03/2018. Aceito em: 17/06/2018.

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPB. Professora adjunta do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: liviacirne@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5512139880539951>.

² Doutor e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Tiradentes (UNIT). Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: vitorcfb@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8369815854216639>.

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA: uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

1 INTRODUÇÃO³

Parece ser um cenário bem comum, os estudantes de Jornalismo começam o curso extasiados com o sonho de trabalhar em televisão, assumindo a bancada dos telejornais das principais emissoras do País. Antigamente, as meninas diziam que iriam substituir Fátima Bernardes. E ainda hoje, os meninos almejam substituir William Bonner. Muito desse empenho tem a ver com o fato da TV ter um alcance massivo e ainda bastante prestígio junto aos brasileiros, mesmo com o desenvolvimento da internet, tanto que, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social do governo federal, quase 90% da população se informa sobre o que acontece no Brasil e no mundo por ela.⁴

No entanto, apesar de toda essa expectativa dos estudantes, na maioria das grades curriculares, os componentes que têm relação com as práticas laboratoriais em TV estão situados nos semestres mais adiantados, quando alguns já têm até desistido da área.⁵

88 |

De acordo com o Ranking Universitário Folha (RUF),⁶ de 2015, há, pelo menos, 326 instituições de ensino superior (públicas e privadas) que oferecem o curso de Jornalismo, mas nem todas elas dispõem de TV universitária,⁷ que poderia ser um espaço fértil para os alunos iniciarem a experiência profissional e também para dialogar com as disciplinas práticas.

Ou ainda, pior, muitos desses cursos não têm infraestrutura adequada, que consiga absorver as demandas das ementas. Não possuem laboratório

³ Parte deste trabalho foi apresentado no 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em novembro de 2017.

⁴ Os dados, divulgados em janeiro de 2017, são da *Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*, realizada pelo IBOPE, encomendada pelo governo. Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>> . Acesso em 23 jun 2017.

⁵ De acordo com os últimos dados do Censo da Educação Superior, obtidos em 2015 e divulgados em 2016 pelo Ministério da Educação, quase metade dos estudantes (49%) que conseguiu entrar na rede pública ou privada de ensino superior, desiste do curso que ingressou. Uma das razões da evasão, possivelmente, deve-se à oferta de formatos ultrapassados dos programas de ensino. Informação disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2016-10-06/metade-alunos-desisti-graduacao.html>> . Acesso em 23 jun 2017.

⁶ Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2015/ranking-de-cursos/jornalismo/>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

⁷ Até 2013, por exemplo, só havia 150 instituições de ensino superior com produção televisiva no Brasil, segundo Cláudio Magalhães (2013). Seja essa produção para a TV aberta, TV por assinatura ou IPTV.

equipados, técnicos para auxiliar na produção, ilhas de edição ágeis, estúdio com acústica e iluminação, sobretudo porque os investimentos e a manutenção das instalações são altos.

Como solução para driblar essa situação, dá-se, muitas vezes, fôlego à cultura acadêmica da predominância da ‘teoria’, mesmo sabendo que a ‘prática’, nas disciplinas laboratoriais, é – obviamente – fundamental, porque é uma exigência do mercado que irá absorver esses alunos. Tudo isso reflete a dificuldade dos professores e alunos produzirem conteúdos em sala de aula, o que – consequentemente – compromete o aprendizado. Os cursos que estão nessa condição de escassez de recursos, desdobram-se para elaborar aulas práticas ou acabam apelando para vídeos, para que os alunos tenham o mínimo de contato possível com a rotina produtiva dos telejornais.

A cultura de extrema valorização da “teoria” na maioria das faculdades de comunicação e as limitações em relação aos equipamentos audiovisuais determina, igualmente, a significativa preponderância do livro para todas as disciplinas, mesmo aquelas que tenham características essencialmente audiovisuais como o telejornalismo. Por outro lado, a disseminação indiscriminada da utilização de vídeos, produzidos não especificadamente para fins didáticos, também contribui para uma das maiores distorções do ensino nas faculdades brasileiras em geral, e principalmente das faculdades de comunicação. Os professores de telejornalismo costumam exibir vídeos com conteúdo jornalísticos durante as aulas e todos os alunos tendem a assisti-los por motivos diametralmente opostos. Essa forma de “recurso multimídia” pode ser bom entretenimento, afinal substitui as longas aulas expositivas ou as aulas não preparadas com a devida antecedência, mas raramente é bom recurso didático. A falta de material didático específico para o ensino de jornalismo é problema recorrente em todo o ensino superior brasileiro, mas no caso do telejornalismo esse problema é ainda mais significativo. Afinal, podemos sempre assistir ao Jornal Nacional em sala com os alunos e instruí-los sobre as suas peculiaridades específicas, ou seja, ilustrando os manuais. Mas nunca podemos mostrar os bastidores da produção de um telejornal pela total falta de acesso a suas técnicas, metodologias e rotinas profissionais. (BRASIL, 2012, p. 4-5).

Atualmente, pelo menos, as novas tecnologias atenuam as barreiras, visto que alguns celulares já filmam em HD, é possível ter acesso aos *softwares* de edição não linear e há plataformas online de armazenamento e distribuição de vídeos, como *YouTube*, *Vimeo*, e, até mesmo, *Facebook*, que possibilitam a circulação do material produzido pelos alunos.

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA: **uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação**

A Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, interior do Maranhão, insere-se nesse cenário de deficiência técnico-operacional. Apesar do curso de Comunicação, com habilitação em Jornalismo, ter expressividade na cidade a partir das produções laboratoriais,⁸ muito se deve ao esforço dos professores que lecionam as disciplinas e mantêm o compromisso de oferecer um ambiente para as atividades práticas dos alunos, a fim de que tenham a experiência e façam reflexões a respeito das rotinas jornalísticas.

O telejornal-laboratório *Repórter UFMA*, produção semestral elaborada no componente Laboratório de Telejornalismo, é um exemplo dessa tentativa de produção realizada com muitos empecilhos, mas que funciona não só como um espaço instigante de exercício e de portfólio (uma vez que os alunos utilizam o material nas seleções de estágio), como também de valorização da cultura e desenvolvimento local. Os acadêmicos têm uma noção de apuração, de redação, de finalização do conteúdo e ainda ficam cientes da responsabilidade sobre as informações que propagam.

90 |

Mais que isso, o *Repórter UFMA* permite, com ineditismo na região, a oficialização de um intercâmbio entre as instituições de ensino superior, a partir do *Giro Brasil*, funcionando como uma rede de compartilhamento de conteúdos experimentais e favorecendo a diversidade de acervos, de notícias, de sotaques, dando visibilidade a outros cursos do país e viabilizando a horizontalidade da produção coletiva.

Este trabalho, portanto, tem como foco o relato dessa experiência pedagógica, como uma alternativa criativa de colaboração aplicada à metodologia de ensino do telejornalismo. Antes, porém, trazemos algumas ponderações sobre a inserção da prática nos cursos de jornalismo. Ao final, as considerações finais apontam perspectivas para o programa e atenta para a necessidade de engajamento de novas parcerias.

⁸ O portal-laboratório *Imperatriz Notícias* (www.imperatriznoticias.com.br), mantido pelas disciplinas Laboratório de Webjornalismo, Gêneros Jornalísticos e Técnicas de Reportagem, é um dos principais sites jornalísticos da cidade. Outras duas produções em destaque são o *Imperatriz 50 Graus* (revista de audiojornalismo) e o *Jornal Arrocha* (produto desenvolvido nas disciplinas de Jornalismo Impresso e de Laboratório de Programação Audiovisual).

2 PRECISAMOS FALAR SOBRE OS DESAFIOS DA PESQUISA E DO ENSINO DO JORNALISMO AUDIOVISUAL

De acordo com Gobbi (2004), na época da ditadura militar, a censura de 1964 pôs as universidades no controle de Estado, reduzindo significativamente o número de trabalhos práticos nos cursos de Jornalismo, uma vez que essas produções ficavam sempre ameaçadas aos filtros impostos e à tortura. Após esse período, o sistema educacional sofreu impactos, com a inibição da criatividade e os currículos engessados. A resolução 11/1969, do parecer 631/1969 indicou a necessidade de uma formação polivalente e o que era restrito, antes, ao Jornalismo, passou a ser Comunicação Social, agregando relações públicas, publicidade e propaganda e editoração (GOBBI, 2004). Apesar de oferecer uma maior amplitude, os currículos continuavam centralizados nos modelos existentes e os cursos se voltaram mais às pesquisas quantitativas, atrofiando as atividades práticas (GOBBI, 2004).

Contudo, em 1978, "através do Parecer 03/78, o novo currículo se organizava em torno de três linhas: geral humanística, específica e profissional" (GOBBI, 2004). Foi o início de uma mudança, pois, até os anos 1980, os cursos de comunicação viviam uma realidade balizada pela tecnofobia e pelo teorismo (MARQUES DE MELO, 1991, 2004).

Só quando os órgãos de fomento ao ensino superior instituíram a urgente obrigatoriedade de implementação de equipamentos e laboratórios nos departamentos, é que foi manifestado o interesse no desenvolvimento de atividades experimentais e na realização de projetos que provocassem os padrões convencionais dos produtos de comunicação de massa, apresentando alternativas de inovação. A partir daí, buscou-se instituir, nas faculdades, currículos que proporcionassem a formação humanística do aluno e, ao mesmo tempo, capacitasse-o tecnicamente.

Mesmo assim, com o passar dos anos, observamos pouca sinergia entre a reflexão crítica dos processos comunicacionais e a prática, por meio da pesquisa propositiva. E, no caso do telejornalismo, como nos lembram Emerim e Cavenaghi (2017), montar um laboratório de ensino é mais dispendioso do que

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA:

uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

de outras disciplinas que exigem a prática, porque é necessário espaço e equipamentos mais caros. Com isso, a teoria acaba sendo a solução estratégica mais assumida, deixando de lado a experimentação e, mais ainda, o incentivo aos formatos criativos que indiquem rompimentos aos modelos *mainstream*.

Talvez, por isso, não se constate com muita nitidez, uma predisposição dos cursos de comunicação e nem mesmo dos programas de pós-graduação *stricto sensu* por este tipo de investigação aplicada. Conforme menciona Elias Machado (2004, p. 11-12),

a pesquisa em jornalismo tem sistematicamente voltado as costas para a pesquisa experimental aplicada. Em uma área que tem a prática profissional como centro irradiador de iniciativas, seja de pesquisa, seja de ensino, as consequências são muito graves. Os laboratórios dos cursos ou dos programas de pós-graduação, que deveriam ser centros para a pesquisa de novas linguagens, processos, metodologias, tecnologias e aplicativos, quando existentes são simples espaços de apoio para os trabalhos de pesquisadores ou professores.

92 |

No atual cenário da comunicação, de desafios imputados pelas redes digitais, “cabe aos pesquisadores em jornalismo em nosso país inverter as prioridades de pesquisa para entrar em sintonia com as demandas sociais, desenvolvendo tecnologias específicas para o exercício da profissão nos mais variados suportes” (MACHADO, 2004, p. 1-2), fato que é constatado comumente nos programas de ciências exatas, por exemplo, em que os experimentos realizados nos modelos propostos são enxergados como parte fundamental na produção do conhecimento científico. Nesses programas, as indústrias privadas chegam a manter laços com a academia e a financiar projetos que objetivem o desenvolvimento e a avaliação de produtos.

Já nos cursos de pós-graduação em Comunicação – com uma “tradição de debate interno sobre seus pressupostos, quadros teóricos e métodos lógicos de conhecimento” (FRANCISCATO, 2007, p. 9), como já afirmado – parcerias assim são raras e há uma evidente dificuldade de que os estudos realizados nesses programas cheguem, pelo menos, ao conhecimento das indústrias de comunicação. Pelo fato de nem sempre a discussão teórica estar diretamente

alinhada às experimentações, salvo raras exceções,⁹ as pesquisas desenvolvidas acabam engessando ainda mais uma concepção de que as pós-graduações em Comunicação ‘falam para si mesmas’. Os dados científicos obtidos repercutem, na maioria das vezes, apenas entre os membros da comunidade acadêmica e entre os próprios cursos, mais exatamente.

Todas essas questões demonstram a necessidade de articulação entre as pesquisas e o campo da produção ou entre academia e mercado. Semelhante ao que aconteceu nos anos 1980, em que o mercado reivindicava uma adequação profissional dos formandos e exigia um “perfil tecnológico, compatível com a natureza da profissão” (GOBBI, 2004), hoje, também vivenciamos um momento de readequação dos cursos, que seguem as indicações das diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, da resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior, de 27 de setembro de 2013, na tentativa de privilegiar um concluinte com conhecimento prático e também que tenha ideias inovadoras, aptas para o novo cenário convergente.

3 REPÓRTER UFMA: PANORAMA DA PRODUÇÃO DE TELEJORNALISMO NA UFMA-IMPERATRIZ

Desde 2004, uma série de políticas públicas de investimento e desenvolvimento no ensino superior foram colocadas em ação pelo governo federal na tentativa de converter o quadro de jovens sem acesso à faculdade e, ao mesmo tempo, atenuar a crise conjuntural que limitou os recursos orçamentários para as instituições federais de ensino superior, nos anos de 1990.

Dentre algumas propostas, destacou-se o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o Reuni, que imputou mudanças significativas nas regiões do Norte e Nordeste, sobretudo nas cidades de interior, pois os estudantes tinham que se deslocar, muitas

⁹ Por exemplo, um dos cursos brasileiros a anteciparem esse tipo de investigação propositiva é o do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, que, em 1995, manifestou a preocupação de trazer as investigações no campo do jornalismo digital para o plano prático, instituindo, pouco depois, o Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL) (MACHADO, 2006).

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA:

uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

vezes, por longas distâncias até os grandes centros urbanos, ou até mesmo desistir de tentar a formação universitária, principalmente a pública. “A partir do edital do Programa REUNI, as IFES tiveram a oportunidade de propor ações de expansão, com base em parâmetros de criação de vagas, de novos cursos de graduação e de uma relação aluno/professor.” (SILVA; NUNES; MALLMANN, 2011, p. 2).

Inserido nesse contexto de criação de novos cursos e no processo de interiorização, o curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, foi implantado no ano de 2006, como parte do Programa de Expansão para o Interior, mas que foi impulsionado de forma mais incisiva pelas iniciativas do Reuni. Para além de ofertar o acesso à instituição pública de qualidade, a geração do curso trouxe contribuições expressivas para a região, visto que adquiriu mais qualificação profissional e teve a oportunidade de receber projetos de pesquisa e extensão na área da comunicação.

94 |

A cidade de Imperatriz, a segunda mais populosa do Maranhão, fica localizada a mais de seiscentos quilômetros da capital, São Luís. A distância entre as cidades criou uma espécie de polo educacional na cidade de Imperatriz, atendendo à demanda da população da região sul, bem como de estados vizinho (Pará e Tocantins), que passou a contar com instituições de ensino superior, públicas (federal e estadual) e privadas na cidade. De acordo com Cajazeira (2017, p. 36), no Nordeste,

em relação ao processo de interiorização dos cursos de jornalismo, apenas três (UFMA – Imperatriz, UFCA – Juazeiro do Norte e UFRB – Barreiras) estão fora das capitais e dos grandes centros urbanos e surgiram no momento de digitalização das redações jornalísticas. São cidades de porte médio (até 500 mil habitantes) e de representatividades nas suas regiões de abrangência. Dentro do processo de expansão dos cursos de jornalismo, entre 1990 e 2010, o número de cursos universitários da área no Brasil foi quintuplicado.

Com pouco mais de uma década de existência, o curso de Comunicação da UFMA Imperatriz preparou mais de duzentos comunicadores. A formação na área atendeu também a uma demanda do mercado profissional, que se profissionalizou durante esse período, ampliando também as possibilidades de

vagas para os egressos do curso. A cidade possui diversas afiliadas de televisão e empresas de rádio, além de um jornal impresso e sites noticiosos.

No projeto pedagógico do curso em vigor, o ensino do jornalismo audiovisual é contemplado por uma única disciplina, Laboratório de Telejornalismo, que possui uma carga horária de 120 horas. A ementa se divide entre aspectos teóricos e práticos da área. Com reformulação do PCC, com previsão para ser implantado em 2018, a formação será contemplada por duas disciplinas: Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo. Cada disciplina terá carga de 60 horas, sendo a primeira pré-requisito para a segunda. A divisão mantém a quantidade de horas, mas potencializa a distribuição de conteúdo, estimulando a reflexão crítica e a experimentação.

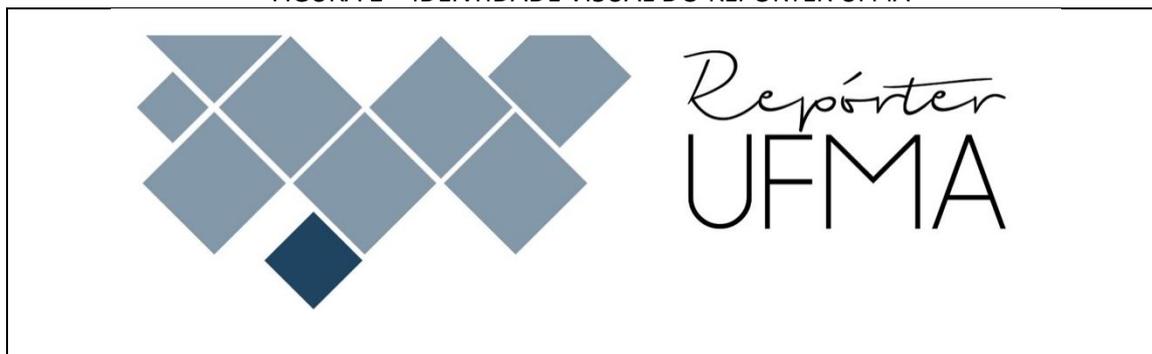
Atualmente, a principal produção experimental da disciplina é o telejornal laboratório *Repórter UFMA* (Figura 1). Lançado em 2016, a produção surgiu diante da necessidade de se criar um produto experimental em televisão, com uma regularidade semestral, que permitisse a vivência dos estudantes com a produção de notícias para audiovisual, independentemente de outros projetos paralelos.

O título da produção experimental foi definido pelos próprios alunos em reunião, onde também se discutiu a concepção do que seria o telejornal laboratorial.¹⁰ Além de ser uma ferramenta de formação, o telejornal surgiu com a proposta de trazer uma nova abordagem sobre temáticas locais, com foco no interesse público e abordagens que muitas vezes são invisíveis na cobertura da imprensa corporativa, seja por questões editoriais das empresas ou por falta de interesse em algumas pautas.

¹⁰ A identidade visual (logomarca, vinheta, tarja de créditos) do telejornal foi produzida pelo aluno do curso e monitor da disciplina na época, Jhonatha Santos.

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA: uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

FIGURA 1 – IDENTIDADE VISUAL DO REPÓRTER UFMA



Fonte: Arquivo dos autores.

Esse tipo de produto, por incrível que pareça, não é muito comum nos cursos. Com base em um levantamento realizado por Cajazeira (2017), com doze instituições públicas de ensino superior em 2017 que têm o curso de Jornalismo, com o objetivo de investigar a prática laboratorial de telejornalismo (dentre outras questões que não nos cabe refletir nesse momento), verificou-se que os formatos mais experimentados nas disciplinas são, em ordem decrescente: programa de entrevista, boletim, grande reportagem, documentário, programa especial, telejornal e coluna política.

96 |

O formato telejornal, modelo linear e tradicional no ensino do telejornalismo, não se mostrou muito comum nas práticas laboratoriais. Apesar de muitas vezes ser produto obrigatório nos cursos de jornalismo brasileiros, os telejornais universitários ainda são de difícil produção nas escolas de comunicação, principalmente nas instituições públicas. (CAJAZEIRA, 2017, p. 39).

Em que pese as dificuldades da prática comum a várias instituições, a cada semestre, a turma da UFMA em Imperatriz produz uma ou duas edições do produto 'telejornal'. Esse número depende da quantidade de discentes matriculados na disciplina e das condições técnicas vigentes. O telejornal tem como finalidade desenvolver as habilidades de cada função profissional em torno da produção audiovisual. Assim, os alunos vivenciam todas as etapas do processamento da notícia, desde a escolha da pauta até a finalização do produto.

Nesta experiência, o telejornal experimental se apresenta como uma oportunidade de contato efetivo com a prática do jornalismo de televisão, aplicando as teorias em experiências pedagógicas, antes da inserção dos

estudantes no mercado de trabalho. Lógica reforçada por Porcello (2015, p. 71-72), quando afirma que “teoria e prática devem ser complementares no ensino de telejornalismo e os laboratórios de TV deve propiciar aos alunos as experiências e vivências do mundo real onde o jornalismo atua com seu poder de mediador.” Assim, a produção do telejornal segue um percurso semelhante ao processamento da notícia em uma emissora de televisão.

Os estudantes são direcionados a desempenharem diferentes funções: produção, reportagem, apresentação e edição. A partir de uma reunião de pauta com todos os alunos, parte-se para a primeira etapa de produção. Para permitir uma vivência mais próxima da realidade profissional, os temas abordados – preferencialmente – não precisam ter relação com a instituição. A ideia é desafiá-los e fazê-los se distanciar de uma proposta de telejornal institucional. Definidas as pautas, começa-se a estruturar o espelho (Figura 2) da produção.

FIGURA 2 – PRÉ-ESPELHO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO REPÓRTER UFMA



ESPELHO				
REPÓRTER UFMA EDIÇÃO: 1ª				
PG		RETRANÇA	TEMPO	EDITOR
1.	-	ESCALADA	00:00	DEFINIR
2.	VT ¹	CASOS ZIKA/IMPERATRIZ	00:00	DEFINIR
3.	VT	CUIDADOS/VOZ	00:00	DEFINIR
4.	NS	CUIDADOS/VOZ	00:00	DEFINIR
5.	VT	PROJETOS/EXTENSÃO/UFMA	00:00	DEFINIR
6.	NS	PASSAGEM DE BLOCO	00:00	DEFINIR
	-	INTERVALO	00:00	-
7.	NC	ACIDENTE/RODOVIA	00:00	DEFINIR
8.	VT	CENTRO POP/MORADORES DE RUA	00:00	DEFINIR
9.	NP	CENTRO POP/MORADORES DE RUA	00:00	DEFINIR
10.	VT	VINHETA/GIRO BRASIL	00:00	DEFINIR
11.	VT	GIRO BRASIL/UFCA	00:00	DEFINIR
12.	NS	PASSAGEM DE BLOCO	00:00	DEFINIR
	-	INTERVALO	00:00	-
13.	VT	VÍCIO/CELULAR	00:00	DEFINIR
14.	NS	VÍCIO/CELULAR	00:00	DEFINIR
15.	VIVO	EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA/ PORTO FRANCO	00:00	DEFINIR
16.	VT	AEROMODELISMO/IMPERATRIZ	00:00	DEFINIR
17.	NP	AEROMODELISMO/IMPERATRIZ	00:00	DEFINIR
18.	NS	ENCERRAMENTO	00:00	DEFINIR

Fonte: Arquivo dos autores.

Para a execução das reportagens, os alunos contam com o apoio de um monitor e o transporte fornecido pela universidade para as externas. Produtor e repórter vão para as externas, deixando a ‘zona de conforto’ de desenvolver os trabalhos práticos na própria universidade. Além de auxiliar o repórter na

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA:

uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

condução, o produtor tem a possibilidade de entender a importância do planejamento das gravações, dentro tempo disponível. Concluída essa etapa, a equipe inicia a fase de edição, com a gravação dos roteiros e, posteriormente, das cabeças, acompanhados pelos editores de textos, que por sua vez têm a responsabilidade de montar e finalizar toda a produção, com o apoio do monitor e do técnico. Faz parte das responsabilidades do editor de texto do telejornal laboratório a preparação das cabeças, das notas, da escalada e todas as demais laudas que estruturaram o *script*.

Estrategicamente, diante da inexistência de um estúdio de TV adequado, o telejornal é gravado no laboratório de edição, com um cenário improvisado montado a partir do uso de alguns equipamentos que dão suporte à disciplina, oferecendo à audiência um ambiente mais despojado e despretenso, com computadores e câmeras à mostra, deixando o visual do programa menos formal e engessado. Mesmo se tratado de atividade avaliativa, toda a construção do telejornal é acompanhada pelo docente, que faz as adequações e orientação no percurso da produção.

Para além do telejornal, os alunos desenvolvem as primeiras práticas da disciplina com uma atividade interdisciplinar, ao entrevistar a turma do Laboratório de Assessoria de Comunicação, em atividade avaliativa em que são simuladas situações reais para os discentes colocarem em prática as responsabilidades de diferentes áreas: repórter e assessor. A partir desses exercícios, os alunos desenvolvem entrevistas especiais e, eventualmente, cobertura especiais (Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, por exemplo).

Todas as produções experimentais desenvolvidas na disciplina são disponibilizadas em um canal no *YouTube*,¹¹ permitindo que o aluno possa de fato produzir conteúdo audiovisual acessível ao receptor. Nesse sentido, ressalta-se que as novas tecnologias permitiram que o ensino de telejornalismo se aproximasse da realidade, ao disponibilizar novos espaços para exibir as produções acadêmicas (PICCININ, 2015). E isso é registrado por Cajazeira (2017, p. 37), no mapeamento dos cursos de jornalismo, ao assumir que quase todos usam o *YouTube* "para circulação das produções audiovisuais em laboratório,

¹¹ Disponível em: <youtube.com/c/LabTeleUFMA>.

talvez pela facilidade de postagem e atualização de conteúdo.” Desta maneira, amplia-se a experiência de uma proposta experimental e cria-se um espaço de visibilidade para o futuro profissional, que já passa a compreender a lógica de uma produção convergente.

Mas o *Repórter UFMA* se destaca também por apresentar como diferencial a criação do quadro *Giro Brasil*, uma inserção no telejornal-laboratório, que permite uma rede horizontal de intercâmbio de conteúdo audiovisual elaborado por alunos, favorecendo a aproximação entre outras universidades e ampliando o horizonte de distribuição das produções de instituições parceiras. Os detalhes sobre esse formato são apresentados na próxima seção.

4 GIRO BRASIL: UM QUADRO DE COMPARTILHAMENTO DE CONTEÚDO NOS LABORATÓRIOS DE TELEJORNALISMO

Desde a primeira edição do *Repórter UFMA*, o telejornal apresenta o quadro denominado *Giro Brasil* (Figura 3). A partir do compartilhamento de conteúdos, exibe-se e/ou envia-se reportagens de/para telejornais laboratório de outros cursos de jornalismo no país. A proposta surgiu a partir da percepção de que os alunos não têm conhecimento sobre as produções realizadas por estudantes de outras instituições. Assim, a formação teórica e prática, ganha um novo recurso que permite ao estudante fazer uma reflexão sobre o perfil e a função das produções experimentais em telejornalismo em diferentes universidades. Iniciativa que também só é possível por intermédio das novas tecnologias, que difundiram os telejornais universitários na internet. Um contexto, como lembra Brasil (2012, p. 208), que oferece novos recursos para o aprimoramento da formação jornalística e representa “uma proposta de inovação e de renovação dos noticiários na TV.”

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA: uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

FIGURA 3 – TRECHO DA VINHETA DO QUADRO GIRO BRASIL



Fonte: Arquivo dos autores.

A dinâmica do quadro funciona a partir da intermediação entre os professores orientadores, que lecionam as disciplinas. A partir da concordância, os responsáveis enviam as reportagens, que são previamente exibidas e debatidas com a turma, para refletir sobre a estrutura e diferenças na linguagem adotada. Assim, busca-se estimular a criatividade dos estudantes e estímulo para a experimentação.

De acordo com a Figura 4, a primeira IES parceira do projeto foi a Universidade Federal do Cariri (UFCA), com o trabalho orientado pelo professor Paulo Cajazeira. O primeiro *Giro Brasil* exibiu uma matéria que tratou dos trabalhos dos agentes de endemias na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, para conter a proliferação do mosquito da dengue. A UFCA já participou de mais de uma edição do quadro.

A partir da estreia do quadro, buscou-se estabelecer novas parcerias, tendo êxito com mais três instituições. Da Universidade Federal do Pará, orientada pela professora Elaide Martins, exibiu-se uma videorreportagem sobre a prática da 'pelada' (futebol amador) e os cuidados com a preparação física. A Universidade de Brasília também se somou à proposta, contribuindo com uma reportagem sobre o desafio dos estudantes transgêneros na busca por igualdade na universidade, orientada pela professora Letícia Renault. A mais recente IES a se integrar foi a Universidade Federal de Pernambuco, que compartilhou uma produção sobre psicopatologias, que compõe uma série de reportagens. O trabalho, orientado pela professora Yvana Fachine, foi exibido na quinta edição do telejornal.

FIGURA 4 – QUADRO GIRO BRASIL INTEGRA PRODUÇÕES DE DIFERENTES INSTITUIÇÕES



Fonte: Arquivo dos autores.

Os temas abordados nas diferentes edições mostram a importância dessa integração entre as produções, que permitem ao estudante uma visão diferente sobre fatos e contextos. A iniciativa revela também as diferenças estruturais entre as universidades. Apoio técnico, disposição de equipamentos ou estúdio, entre outras questões, podem ser evidenciadas pela simples observação dos vídeos, que mostram os desafios de se manter uma produção laboratorial em instituições de ensino superior públicas. Esse cenário em torno da formação em telejornalismo, ratifica a importância de projetos desse tipo, que possam debater e potencializar as produções, dentro das condições e diferenças existentes, instigando o aluno a produzir conteúdo de qualidade, mesmo que muitas vezes submetido a situações improvisadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos entre a formação teórica e técnica na área do telejornalismo, especialmente em instituições públicas, tendem a priorizar as leituras e análises das práticas profissionais. Obviamente, são evidentes as deficiências estruturais das universidades desse perfil, mas as tecnologias oferecem cada vez mais possibilidades para os alunos (e professores da disciplina) repensarem as práticas experimentais. Não apenas como uma atividade avaliativa, mas como

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA:

uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

estratégia de uma verdadeira experimentação de formatos, linguagens, etc. Portanto, o equilíbrio na construção das ementas e distribuição da carga horária é importante e necessária para que o egresso do curso tenha noções mínimas sobre como fazer um roteiro de reportagem ou fazer uma lauda de um *script*.

As novas diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo no Brasil fizeram com que as disciplinas laboratoriais fossem oferecidas desde o início da grade curricular. A mudança pode ser um estímulo para os alunos ansiosos pela prática, mas há que se observar a fluência da associação entre os componentes, sem perder a simetria entre teoria e prática.

Na UFMA Imperatriz, com desafios semelhantes a muitas universidades públicas, a estratégia tem sido estimular a produção a partir das possibilidades que a internet oferece. O *Repórter UFMA* é resultado de um percurso que associa a análise bibliográfica e resulta no produto experimental; do entendimento histórico aos aspectos teóricos principais; da idealização de uma pauta à finalização de um telejornal. E como aspecto particular, busca estimular a leitura sobre produções laboratoriais em telejornalismo, desenvolvidas em outros estados, com o *Giro Brasil*.

102 |

O projeto de compartilhamento e distribuição de conteúdo (prioritariamente, na íntegra) tem potencial para ser mais amplo, para que possamos, professores e alunos, conhecer e aprender com o que é produzido em cada canto do país. A ideia é ampliar a rede horizontal de intercâmbio e integração entre os cursos de Comunicação, funcionando de maneira autônoma, contribuindo com matérias escolhidas, a partir do que for combinado entre as instituições, mas sempre usando a vinheta de identificação do quadro. Acreditamos que, dessa maneira, além de driblar as limitações técnicas vivenciadas pela maioria das disciplinas, estar-se-á criando iniciativas de estímulo à produção audiovisual experimental, podendo fazer emergir pautas inovadoras para outras regiões e despertando olhares que fujam do modelo de TV convencional. 

REFERÊNCIAS

BRASIL, Antônio Claudio. O ensino do telejornalismo na era digital: a cobertura dos telejornais universitários na internet. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES

EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: SBPJOR, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/VftQS8>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

_____. **Telejornalismo imaginário:** memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV. Florianópolis: Insular, 2012.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Lins. O ensino do telejornalismo nas universidades federais do Nordeste do Brasil em tempos de convergência digital. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 30-40, ago./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/132111/137053>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

EMERIM, Cárilda; CAVENAGHI, Beatriz. O ensino de apresentação de telejornais: desafios e experiências da UFSC e do Ielusc. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: SBPJOR, 2017. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/678/323>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

FRANCISCATO, Carlos. Considerações metodológicas sobre a pesquisa aplicada em jornalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Bernardo do Campo. **Anais eletrônicos...** São Bernardo do Campo: SBPJOR, 2008. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coord2_carlos_franciscato.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

GOBBI, Maria Cristina. Projetos experimentais: entre a teoria e a prática do fazer jornalismo. **Revista PJ:BR – Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, n. 4, ago./dez. 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia4_b.htm>. Acesso em: 26 jul. 2017.

MACHADO, Elias. Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo: três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. **E-Compós**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-15, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/2/4>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

MAGALHÃES, Claudio Márcio. Dossiê TV Universitária: 45 anos de experiência. **Revista ABTU**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 8-14, jan./dez. 2013. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/44b0fc_fe7ba043976d4a2884f7c2f7c36ec0bf.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2017.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e modernidade:** o ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **A pesquisa experimental nas escolas de comunicação:** reduzindo a distância entre academia e mercado. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/arquivodomural9.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

PICCININ, Fabiana. Jornalismo de televisão em sala de aula: dos desafios às novas possibilidades pedagógicas. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna (Orgs). **Jornalismo-laboratório:** televisão. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

Quadro Giro Brasil no Repórter UFMA:

uma proposta de colaboração entre cursos de comunicação

PORCELLO, Flávio. Laboratórios de TV: teoria e prática no ensino de telejornalismo. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna (Orgs). **Jornalismo-laboratório: televisão**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

SILVA, Rudiclai da Costa Silva; NUNES, Rogério da Silva; MALLMANN, Ana Aparecida Gomes. O Reuni na Universidade Federal do Rio Grande do Norte: uma avaliação da expansão dos cursos de graduação. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 11., 2011, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, IGLU, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/25982/2.22.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2018.